

UM RELICÁRIO TODO FEITO DE SAL PARA CICATRIZAR E CURAR: A POESIA DE MULHERES NEGRAS DIASPÓRICAS

A RELIQUARY ALL MADE OF SAULT TO SCAR AND HEAL: THE POETRY OF BLACK DIASPORIC WOMEN

Hildália Fernandes¹

Mônica Naiara Santos²

No dia 30 de maio de 2020, mais um dos nossos tombou, vítima da violência que assola nosso país e atinge jovens corpos negros. Dedicamos este artigo a Vagner Ruan Sena Silva, sobrinho da coautora, adolescente de 17 anos, assassinado na presença da mãe e da irmã, 13 dias antes de completar 18 anos, num 13 de maio que não chegou para ele. Este relicário é nossa prece: vá em paz e reencontre-se com os nossos outros tantos que aí estão!

RESUMO: Neste artigo, apresenta-se uma seleta de poemas produzidos por mulheres negras diaspóricas que elegeram como mote para a composição de suas poesias a travessia forçada do povo africano pela Calunga no processo de escravização, bem como os desdobramentos e atravessamentos reverberados na corporalidade negra no con(tra)temporâneo (CARRASCOSA, 2014). Sete poemas foram selecionados, um de cada uma destas escritoras: Lubi Prates, Neide Almeida, Fátima Trinchão, Conceição Evaristo, Lívia Natália, Maya Angelou e Lílian Almeida. Para a análise dos corpora optou-se por um referencial teórico também negro-diaspórico, elegendo-se a contramemória colonial (MIRANDA, 2019c) e a “espiral plantation” (MIRANDA, 2019b) como dispositivos analíticos, e a roda (MIRANDA, 2019b) como metodologia. Pretende-se, ainda, propor reflexões sobre a força da dor que tais eventos, aqui concebidos como da ordem

¹ Mestra em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – Brasil. Doutoranda em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8236-8121>. E-mail: hildaliafernandes@hotmail.com.

² Mestra em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana – Brasil. Doutoranda em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0044-1776>. E-mail: monny.naiara.santos@gmail.com.

do traumático, ainda provocam nas descendentes daquelas mulheres primeiras que para a diáspora foram lançadas e espalhadas. Concebe-se esta discussão, portanto, como uma possibilidade, um caminho para a cura.

PALAVRAS-CHAVE: Diáspora; Travessia; Poesia de mulher negra; Contramemória.

ABSTRACT: In this essay it is shown a selection of poems written by black diasporic women who has chosen as the purpose their poems the forced crossing of the African people through Calunga in the process of escravization as well as the developments and transpassing reflected on the black corporality *con(tra)temporâneo* (CARRASCOSA, 2014). Seven poems were selected. One by each of the following writers: Lubi Prates, Neide Almeida, Fátima Trinchão, Conceição Evaristo, Lívia Natália, Maya Angelou and Juciane Reis. In order of analyzing the corpora it was chosen a theoretical material also produced by black diasporic authors, electing the colonial counter-memory (MIRANDA, 2019c) and the “espiral plantation” (MIRANDA, 2019b) as analytic device, and the circle (MIRANDA, 2019b) as methodology. It is also intended to rise questions about the pain that such events, taken as being one part of the traumatic order, still provoke in the descendent of those older women who were pushed and spreaded away to the diaspora. Therefore, this discussion is taken as one possibility, of a way to the cure.

KEYWRDS: Diaspora; Crossing; Black woman poetry; Countermemory.

1 INTRODUÇÃO

Antes de qualquer coisa, precisamos cumprir um ritual para que tudo flua, dinamize e alafie. Pedimos a benção e a licença às águas, a *Ìyá*³, mãe primordial (OYĚWÙMÍ, 2020), *Òsun* e, também, a *Iemoja* e *Olókun*, que guardam e acalentam o sono de tantos dos nossos que fizeram do fundo dos oceanos sua morada secular. Pedimos permissão para que possamos, com respeito e cautela, navegar por essas águas e, vez por outra, mergulhar, demorando-nos um pouco mais em algumas enseadas e portos.

³ Fizemos a opção política pelo uso da bacia semântica *yorùbá* por acreditarmos que é a que se revela mais adequada para compartilhar a proposta. Dessa forma, as palavras em *yorùbá* serão grafadas e apresentadas, neste artigo o mais próximo possível de como as mesmas são grafadas em seu país de origem, a Nigéria. Todas as vezes que o “S” aparecer com um acento subsegmental é para sinalizar a letra “Ş” que no idioma *yorùbá* equivale ao som representado pela letra “x” ou pelo dígrafo “ch” na língua portuguesa. Vale comentar que nem a letra “x” nem os dígrafos existem no alfabeto da língua *yorùbá*. As vogais que apresentarem o acento subsegmental estarão sinalizando a pronúncia destas de forma aberta, visto que a sinalização, nessa língua não ocorre tal qual o português do Brasil, com os acentos agudo e grave. A língua *yorùbá* é tonal.

Pedimos, ainda, a devida e necessária permissão e a indispensável coragem para realizar, novamente, a dolorosa travessia e desvendar os atravessamentos e as reverberações desses traslados forçados, num tempo concebido como “con(tra)temporâneo” (CARRASCOSA, 2014) no poemário das autoras negras diaspóricas. Pela extensão da produção, foi inevitável uma seleta que nem de longe esgota a vastidão existente nesse gênero referente à temática e ao recorte eleitos.

Visamos agora “(re)tornar” para (re)contar, agora na perspectiva “desde dentro” (GARCIA, 2018), não mais pelo olhar daninho e danoso do coloniza-dor⁴ e de seus descendentes que a tudo destroem. Exercermos o direito de construir um discurso sobre nós (SOUZA, 1983) que será sempre coletivo, assim como o de solidificar e difundir uma contramemória colonial (MIRANDA, 2019c) para que, de posse desse acervo literário e, aqui mais especificamente, poético, seja possível, quiçá, despachar o “carrego colonial” (SIMAS; RUFINO, 2019) que tanto nos pesa os ombros em nossas jornadas existenciais à procura da concretização, ainda, por sobre-vivência, dignidade e respeito.

Para o mergulho nessas águas, quase sempre turbulentas e ruidosas, duas noções se apresentam como fundacionais. São elas: i) as “memórias da plantação” de Kilomba (2019). Para ela, o passado “[...] colonial foi ‘memorizado’ no sentido em que ‘não foi esquecido’. Às vezes, preferimos não lembrar, mas, na verdade, não se pode esquecer.” (KILOMBA, 2019, p. 213). E ii) a “espiral plantation” proposta por Fernanda Miranda em *O corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859- 2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*, tese defendida em 2019. Para Miranda (2019b, p. 17), o conceito de “[...] espiral-plantation trabalha com a ideia de continuidades nacionais que mantém certos paradigmas de dominação intactos.”

⁴ Assim grafado para destacar e lembrar o legado deixado por eles.

Ainda que essa noção de “espiral-plantation” seja, originalmente, destinada a pensar os corpora de romances brasileiros de autoria de mulher negra na referida tese, de forma ampliada se adéqua ao que propomos neste artigo, sobretudo porque a seleta de poemas trabalha com a ideia de continuidade dos processos coloniais, a exemplo do genocídio da população negra, mesmo que esses apareçam estratégica, necessária e eficazmente repaginados e atualizados.

Lançamos mão dessa perspectiva por entendermos que (re)contar poeticamente, tanto a nefasta travessia quanto os atravessamentos experienciados pelo povo negro na diáspora, é necessário à sobrevivência da memória, à construção de uma contramemória e ao processo de cura. Este artigo também se configura em ações performáticas⁵, posto que são intervenções artísticas de cunho político, um “acerto de contas ficcional” (LEAL, 2007, n.p.), ultrapassando, dessa forma, o exercício de reconstituir o passado. E nesse esforço de (re)lembrar para (re)contar objetivando, sobretudo, a perlaboração, necessário e imprescindível se torna o ato de expurgar, o colocar para fora o que tanto nos adoece, nos limpamos dessas memórias que nos assolam de tristeza e quase nos paralisam. Sobre esse imprescindível exercício, Conceição Evaristo afirma o seguinte: “[...] A literatura pode ser um lugar de **expurgação** pessoal e coletiva. Estamos aqui e escrevemos apesar de.” (grifo nosso).⁶

⁵ Ravetti (2002, p. 48) declara: “[...] Considero performativa a narrativa que apresenta um cenário no qual um (ou mais) sujeito(s) aparece(m) em processos de atribuição, com referentes explícitos à realidade material, sendo, por isso, identificáveis, mas nas quais os comportamentos narrados (afinal trata-se de comportamentos sociais) são no mínimo, transgressores quanto à norma social vigente.”

⁶ Postagem da autora em sua página na rede social Facebook no dia 15 junho 2020. Disponível: https://web.facebook.com/search/top/?q=Para%20que%20acalantar%20mem%C3%B3rias%20com%20sabor%20de%20sangue%3F%20Respondo%20por%20mim%2C%20embora%20essa%20mem%C3%B3ria%20n%C3%A3o%20seja%20apenas%20de%20minha%20pertence%20a%20Pode%20ser%20um%20pouco%20mais%20minha%2C&epa=SEARCH_BOX. Acessado em 19/05/2020.

Sem o recurso do expurgar, do colocar para fora, do tentar limpar tais lembranças do nosso *orí* (cabeça), a chance de sufocar ou ser tragada pelas recordações de tais eventos é enorme. Logo, o contar (narrar/poemar/performar) se revela como um ato inadiável, que permite o (re) fazer do caminho e torna possível, também, a denúncia e o registro desses episódios absurdamente traumáticos, experiências limites que se configuram como tormenta e, assim sendo, precisam ser colocadas para fora, sob pena de não suportarmos o peso que eles apresentam, tendendo a nos imobilizar.

E procurando fazer uso de um recurso milenar que é a roda, aqui concebida como metodologia⁷, a partir das contribuições, novamente, de Fernanda Miranda (2019b), interrogamos: que trocas seriam possíveis entre os sete poemas analisados neste artigo? Que memórias performatizadas teriam elas sobre a(s) travessia(s) e os seus atravessamentos no “con(tra)temporâneo”? Como fazem uso desses “exercícios imaginativos de retorno”, como denomina Miranda (2019c, p. 17)? E por último, mas nem por isso menos importante, que efeitos acabam por provocar em nós, leitoras desse poemário? Para quais lugares nos lança tal acervo dentro da encruzilhada diaspórica? Provocam e promovem rupturas e nos conduzem a espaços de

7 A roda, para Miranda (2019b, p. 14), “[...] é, antes de tudo, uma forma de leitura comparada, uma metodologia. O pressuposto da roda são as trocas, os atravessamentos daquele momento vivo. A roda é um prisma a partir do qual se pode pensar a literatura como experiência contemporânea de conexão e partilha, de comunidade. Gira nos clubes e círculos de leitura, por exemplo, que retornaram como nunca foram, populares, e alguns com declinação aparente do que se busca, como os “leia/lendo mulheres”, “leia/ lendo mulheres negras. Na roda não há hierarquia, o centro é móvel, contingente, transitório. A roda é o avesso da torre. A roda não é lúdica nem está à parte, pelo contrário, pode gerar uma inteligibilidade oxigenada para lermos nosso tempo. A roda nos abre caminhos. De entender e se movimentar. Cada personagem, tessituras cujos sentidos dialogam com o real – e com os imaginários – que nos atravessa(m) agora. Um corpus ficcional, do qual emerge um pensamento que nos atualiza acerca do conhecimento do passado, pois a memória é um chão comum nos romances, levando-nos de volta à cena liminar da escravidão.”

emancipação e empoderamento? Quais os reais ganhos para quem escreve e para quem lê tal legado?

2 MEMÓRIAS DAS ÁGUAS: SETE POEMAS E A CONSTRUÇÃO DE UMA CONTRAMEMÓRIA

[...] Sou eternamente naufraga.
Mas os fundos oceanos não me
amedrontam nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a boia que me
emerge.
Sei que o mistério subsiste além das
águas. (EVARISTO, 2017, p. 11)

O desejo maior com a escrita deste texto é o de acompanhar, ao sabor do vento de Dona *Oya* e das marés, como as memórias que vêm primordialmente das águas reverberam e ressoam, num tempo que será concebido e experienciado por nós negros na diáspora sempre como espiralar⁸ (MARTINS, 2002), hoje nas descendentes daquelas mulheres que, arrancadas dos seus solos de origem, sequestradas e violadas de múltiplas formas, não puderam contar as agruras e superações vivenciadas e realizadas. Muitas fizeram do mar cemitério, tingindo-o em definitivo de rubro, com todo o *èjè* (sangue) derramado, um Atlântico que sempre foi negro.

E para que tudo se torne propiciatório, necessário se faz seguir, ainda, outro rito, o de contritas evocarmos o poema que sempre lemos como reza e que, para nós, terá sempre o poder de destrancar os caminhos. Ei-lo:

⁸ Tal qual o *òkòtó*, uma espécie de caracol associada a *Èsu*, que cresce e expande de dentro para fora – das vísceras, entranhas para o infinito. Sabedoria do esperto e ético *Èsu*. Não é a toa que a ele é associada a equação 1000+1 para simbolizar a sua infinitude, ao mesmo tempo que remete para a questão da unidade. Do que é singular a cada um dos seres. *Bara* – o dono do corpo.

XXXIII

Água
 transforme minha dureza
 em correnteza
 Água
 transforme minha queda
 em cachoeira
 Água
 transforme meu medo
 em corredeira
 Água
 me transforme em vapor
 me alivie por inteira. (GALRÃO, 2011, p. 62).

Galvão (2011) compartilha uma súplica, sobretudo de flexibilização, e solicita isso ao primordial e indispensável elemento água que comporta muito mais do que a química que o sustenta: uma partícula de hidrogênio e duas de oxigênio. Sabemos, principalmente em contextos espirituais, da egrégora que ela contém e abrange. A poeta deposita nesse elemento toda a esperança de transmutação de limitações em potencialidades, propiciando à sua existência condições melhores e, portanto, mais leves. E é a partir desse poema-reza que seguimos, buscando refletir sobre a potência existente no ato de perlaboração⁹ de eventos traumáticos, como se configura o sequestro do nosso povo e a sua respectiva dispersão pelo mundo.

Conheçamos, então, o caminho desenhado e vislumbrado para a escrita deste texto e atentemos para as repercussões em nosso íntimo, principalmente para aquelas de ordem curativa, como nos ensina hooks (2019) sobre os processos de (auto)recuperação. Sete poetas, sete poemas e pelo menos 70 vezes sete podem ser as possibilidades de empreender viagem por eles e através

⁹ “Capacidade de reelaborar as crises, sentimentos e conflitos interiores”, ou ainda: “Palavra usada por Freud que expressa ‘o trabalho de travessia’. Ainda algum sentimento ou sofrimento transmutado, ou que passa por dentro do universo do indivíduo. Elaboração do luto normal.” Cf. PERLABORAÇÃO. Disponível: <http://www.dicionarioinformal.com.br/perlabora%C3%A7%C3%A3o/>. Acessado em 01/04/2020.

deles, posto que a polissemia inerente à linguagem nos leva a uma gama diversa, rica e complexa de leituras. São mulheres territorialmente afastadas, das mais variadas condições de existência, (re)unidas pela dor da travessia e aqui convocadas pelo nosso desejo de expurgar nossos atravessamentos via literatura. O dinheiro do chão já foi deixado. Resta, agora, seguir e confiar na trajetória escolhida.

Tudo começa com a mais nova na produção e publicação, Lubi Prates, poeta, tradutora, editora, curadora e psicóloga paulista, que em 2018 lançou seu terceiro¹⁰ livro, intitulado de *Um corpo negro*. Dos 21 poemas existentes na publicação, existe um que apresenta um eu, quase náufrago, que afirma categoricamente:

não foi um cruzeiro

meu nome e
minha língua

meus documentos e
minha direção

meu turbante e
minhas rezas

minha memória de
comidas e tambores

esqueci no navio
que me cruzou
o Atlântico. (PRATES, 2018, p. 23).

O eu-lírico faz um rol dos traços que o constitui e remete ao fato de serem parte de uma herança negra-diaspórica, sinalizando desde o título as condições

¹⁰ Seu primeiro livro publicado, em 2012, chama-se *coração na boca* e o segundo, em 2016, *triz*. Há ainda a participação em outras antologias poéticas. É de bom tom mencionar que a grafia original dos títulos encontra-se em minúsculo.

adversas sobre as quais o traslado e sequestro do nosso povo aconteceu. Não foi uma viagem de turismo a fim de conhecer outras terras e mares e, por isso mesmo, “não foi um cruzeiro”. Nessa viagem, despojaram, pilharam-nos do que nos constituía então: nossos nomes, nossas línguas, nossas rezas, comidas, memórias e músicas. Eles sabiam – e sabem – que nomear “[...] um ser é defini-lo, indicar-lhe uma direção” (MIANO, 2009, p. 192), portanto, apagaram nossos registros, silenciaram nossas línguas para sufocar nossa vibração, porque somos “[...] o nome que temos, e não se deve morar onde esse nome não é nada, onde sua vibração é sufocada.” (MIANO, 2009, p. 192).

Sendo esse o retrato da viagem de saída, na de retorno, como esta que aqui empreendemos, por exemplo, é imprescindível que por lá, pelo maldito navio, se deixe todas as mazelas perpetradas sobre a corporalidade dos nossos (“esqueci no navio”), mas que ainda trazemos no corpo, inevitável e compulsoriamente em nossas memórias genéticas. E justamente por tais razões, esse navio, que abarca uma infinidade de possibilidades de significados para muito além da metáfora, cruzou com ela e ainda hoje cruza com todas nós.

E procurando seguir as coordenadas traçadas para empreender essa viagem de volta à travessia primeira, ainda que saibamos que o portal sempre foi o do “não retorno” (ou assim eles nos fizeram crer), singrando através da *Middle Passage* (Passagem do Meio), nos deparamos com Neide Almeida, poeta e socióloga paulista que traz para as cartas náuticas (CARRASCOSA, 2017), aqui reunidas em forma de poemas, um dado significativo por demais e que confirma as declarações feitas logo acima, isto é, a da continuidade dessa nefasta história em nossos corpos e mentes, e que são passados, inevitavelmente, entre as gerações. Nas “Travessias” de Neide Almeida, uma mãe é acionada para marcar esse traço:

Minha mãe
sempre teve medo
Do mar.
Intrigada me pergunto:
O que a ameaça?
A imensidão poderosa
das águas?
Ou a ancestral memória
da longa travessia? (ALMEIDA, 2018, p. 29).

Vejamos a imagem projetada pelo poema: um mar que provoca apreensão, medo; a imensidão do Atlântico que acolheu tantos corpos, tantos gritos, tantas dores. Essa imensidão, esse infinito é memória viva, memória que aviva. No poema de Neide Almeida, essas dolorosas lembranças são avivadas pela imagem do mar, por todas as dores que o atravessaram e outras tantas que ali foram sepultadas. Esse registro está na matéria genética que gerou essa mãe, e que esta “legou” à filha.

Essa “ancestral memória” referida no poema está comprovada. No que diz respeito à esfera biológica, alguns traços só a genitora tem a capacidade de transmitir. E em relação à ancestralidade, essa herança também ocorre, levando-se em consideração as linhas sucessórias: materna para as filhas (lado esquerdo) e paterna para os filhos (lado direito). São os denominados de *túndé* – aqueles/aquelas que retornam.

Esse retorno é o projeto da contramemória colonial, que, segundo Miranda (2019c, p. 26), implica “[...] no retorno ao passado performando a reescrita da história, posto que a história, para existir, precisa ser enunciada.” Além disso, trata-se de desenterrar “[...] o que nunca esteve morto de fato” (MIRANDA, 2019c, p. 26), ou seja, uma “[...] necessidade vital de enunciar o que está soterrado.” (MIRANDA, 2019c, p. 27). E nesse retorno, precisamos perder o medo do mar e resgatar nossas histórias ali soterradas.

O terceiro poema selecionado elege, também, o vocábulo “travessia”, o que torna toda a discussão travada até aqui mais significativa e confirma o argumento defendido nesta análise, que é o de que esse episódio desastroso e devasta-dor continua a povoar nossos corpos, mentes e memórias.

Dessa vez quem o apresenta é Fatima Trinchão, poeta baiana, licenciada em Letras com Língua Francesa, funcionária do Tribunal de Contas do Estado da Bahia e professora do Ensino Médio. Ela nos deixa zonzas com os recursos estilísticos utilizados para que embarquemos junto com a tripulação que já se encontra nos tumbeiros, e para que, ao menos no tempo de leitura do poema, sintamos e sintonizemos com os nossos as agruras experienciadas no percurso marítimo singrado. Segue o poema:

Travessia

O vai e vem do tumbeiro,
Na travessia, o Atlântico,
O sim, o não e o medo.
A saudade de quem ficou,
o vem e vai do negreiro
Balançando na maré cheia,
o canto triste d'aldeia,
Canto que agora ressona,
Na calunga grande, o mar,
No seio d' "Amável Donzela",
Que a maré cheia vai singlar.
E aquela tumba balanceia,
Abarrotada de gente,
E quanto mais ela avança,
Mais o chicote risca o ar.
E é ali que o povo dança,
E é ali onde se canta,
D'aldeia, o triste cântico.

No seio d' "Amável Donzela",
No verde mar do Atlântico. (TRINCHÃO, 2018, p. 109)

E é através dessa calunga grande que é o mar que surgem essas memórias poéticas das águas que influenciam tantos dos nossos, quer seja na poética como é a seleta aqui apresentada, quer seja na prosa (contos, romances e em menor número as crônicas tão pouco exercitada pelo nosso povo).

Necessário se faz destacar a ironia na escolha do nome para a nefasta embarcação – “Amável Donzela”, o que acaba por provocar, inevitavelmente, a indagação: amável para quem? Não para os nossos que preenchem a “barriga” dessa nau. Uma “boca” insaciável que tudo engolia e tragava. Como bem dito pela poeta, uma “tumba”, signo que remete à morte, evento diário em tal empreendimento.

E para compor essa roda poética, essa troca de memórias ficcionalizadas entre as poetisas escolhidas que performam a(s) travessia(s) assim como os atravessamentos dessa vinda forçada para terras distantes e nada hospitaleiras, que renovam a “espiral plantation” e difundem uma monumental e eficaz contramemória colonial, em conformidade com Miranda (2019c), temos a nossa mais velha, a decana e, para nós, imortal Conceição Evaristo, que performará a continuidade dos efeitos nefastos do processo de colonização para os dias atuais.

A quarta poeta, que dedica um livro inteiro de poemas (o único do gênero por ela publicado) a poesias atreladas às águas e às recordações, vaticina por meio do título da coletânea que “Recordar é preciso” (EVARISTO, 2017, p. 11), parafrazeando o poeta português Fernando Pessoa quando declarava que navegar era preciso. Alguns poemas nessa publicação estão relacionados ao contexto da escravidão e da pós-escravidão, sendo a água o elemento que marca essa obra e a escrita dela como um todo. Aprecie, a seguir, o poema selecionado:

CERTIDÃO DE ÓBITO

Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.

Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.
A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.
A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros (EVARISTO, 2017, p. 17).

Sangue, valas, balas, alvo, corpo negro são algumas das palavras utilizadas por Evaristo (2017) para situar, no tempo e no espaço, do que trata o poema. E novamente, essa pioneira e desbravadora anuncia o que bem depois Mbembe (2018) denomina de necropolítica, e Nunes (2019), trazendo para o campo da literatura, nomeia de “necropoética” o acervo que elege como mote para a sua produção a morte em larga escala dos nossos irmãos.

O título já anuncia sobre qual assunto o poema tratará – *Ikú* (morte) e afirma, já na primeira estrofe, que o derramamento de *èjè* (sangue) dos nossos continua. Inclusive menciona tal elemento na segunda estrofe, no segundo verso: “negras estrelas tingidas de sangue”. Para essa poeta o vocábulo para nomear a memória é “dolorida” e a estrofe final decreta a sentença que parece estarmos destinados ao encontro precoce e sempre desastroso com *Ikú* (morte).

Nesse sentido, diz o eu lírico – ou banzeiro? (NUNES, 2019) –, em tom funesto e fúnebre: “A terra está coberta de valas/ e a qualquer descuido da vida/ a morte é certa./ A bala não erra o alvo, no escuro/ um corpo negro bambeia e dança./ A certidão de óbito, os antigos sabem,/ veio lavrada desde os negreiros.” Trata-se de um poema denúncia que não anuncia mudança de rotas. Para nós,

negros, ela parece que será sempre de colisão e de extermínio. “A bala não erra o alvo” e nossos corpos e existências, historicamente, têm sido os alvos preferenciais. Se os antigos já entenderam e aprenderam, faz-se necessário anunciar, vaticinar e sentenciar, aos mais novos, que a certidão de óbito “veio lavrada desde os negreiros”. A “espiral plantation” (MIRANDA, 2019b) se faz presente e sempre em seu movimento perpétuo que, como o próprio nome já sinaliza, tende ao infinito, confirmando, dessa forma, a continuidade que a noção aponta e salienta.

Constatamos, com a apresentação de parte significativa dos corpora escolhido para análise neste artigo, que o alinhavo, a bainha e o arremate do mesmo são feitos, predominantemente, com os duros e resistentes fios da dororidade (PIEDADE, 2017), que ainda teima em fazer morada em nossas recordações (eventos que passam novamente pelo coração), povoando e devastando os nossos processos mnemônicos.

Ainda que consigamos perlaborar, parece ser sempre com muita dificuldade e de maneira muito custosa, nem que seja minimamente através de uma escrita que tende a se configurar como tormenta e tormento. O desejo e a esperança são os de que em um futuro, não sei se tão próximo, possamos avançar para a construção, solidificação e difusão de outros acervos. Mas, enquanto esse tempo não chega e que será sempre fruto de muita luta e lida nossa, ainda se faz imprescindível narrar, performar e poemar a dor, pois essa parece sem fim e incomensurável.

É Evaristo (2017), novamente, quem declara sobre essa incansável e ainda tão imprescindível necessidade de externar a dor, de expurgá-la como já afirmado. Diz ela sobre o assunto: “[...] Eu queria falar menos de dor, mas a dor

ainda esta aí. Nós ainda estamos em tempo de reinvidicação. Quem me dera tá fazendo uma literatura hoje muito mais no tempo da afirmação.”¹¹

E se Evaristo (2017) sinaliza no poema escolhido para compor os corpora deste artigo o documento que tem regido nossos corpos após desembarque e nos acompanha até os dias atuais, Natália (2017) recordará um tempo no qual o enforcamento dos nossos era prática costumeira e que desejava mostrar a todos aqueles que ousassem transgredir as rígidas leis impostas pelo processo de escravização. Compartilha a poeta dolorosas e doloridas memórias, alafiando o poema de Evaristo sobre a certidão de óbito secular que vem alinhavando nossas trajetórias, bem como sinaliza os atravessamentos provocados pela colonização que buscou transformar a nossa existência em mero objeto:

FRUTOS ESTRANHOS

No tempo possível,
talvez na chegada da noite enlutada
os frutos estranhos serão colhidos.

Alguém romperá o talo desnatural
que lhes enlaça o pescoço
e lhes suspende como frutos negros,
estranhos,
à beira da clara estrada.

Alguém enterrará fundo os frutos: sete palmos cantados
num aleluia que abre as portas do céu
como quem mostra o caminho secreto

¹¹ Transcrição de um trecho da fala de Conceição Evaristo no *Programa Espelho* exibido em 20 de junho de 2017 no Canal Brasil. O fragmento diz respeito à resposta da autora ao apresentador Lázaro Ramos sobre a pergunta: “Que livro você queria escrever? Qual o livro ideal?”

para o quilombo possível.

No ventre terroso e úmido de breu,
os frutos estranhos criaram raízes enormes
e cresceram altivos, como árvores brutas
que à noite entoam lamentos e juram voltar
numa revoada de violentos fantasmas. (NATÁLIA, 2017, p. 65).

“Noite enlutada”; “talo desnatural”, “frutos negros” e a morte como possibilidade de liberdade; vislumbre de um “quilombo possível” “árvores brutas” e semente sinalizando, novamente, a tão importante continuidade. “Violentos fantasmas” que “juram voltar” e assim arrancam a frágil paz dos algozes. Não apaziguados planejam a revanche e a justiça ainda não realizadas. A poeta e professora de Teoria Literária da UFBA, Livia Natália, destaca a resistência e a luta dos nossos diante de violências diversas e, ao que parece, historicamente ininterruptas.

Com o quinto poema, nota-se a literatura, e mais especificamente a poesia, fazendo o registro da história, ainda que ficcionalizando-a e, outras tantas vezes, escrevendo-a, sinalizando os desdobramentos do sequestro dos nossos, do impedimento, sempre atualizado através do racismo e seus derivados, da possibilidade de uma existência digna e humana. O enforcamento do povo negro foi uma prática escravocrata que ultrapassou o período e, mesmo nos dias atuais, os descendentes daqueles opressores ousam reproduzir, ainda que para isso façam uso de bonecos¹² ou amarrem nossas crianças negras em

¹² Diz respeito ao trote realizado na recepção dos calouros de Arquitetura na UFBA em março de 2015. Resultado da implementação da política de cotas, alguns veteranos mostram sua insatisfação com a inserção de negros em tais ambientes, historicamente ocupados pelos descendentes dos colonizadores. Cf. MENDES, Henrique. *Trote na UFBA usa boneco de cor preta enforcado e gera polêmica*. Disponível: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/03/trote-na-ufba-usa-boneco-de-cor-preta-enforcado-e-gera-polemica.html>. Acessado em 27/04/2020.

travas de bicicletas¹³, novamente em praça pública, tal qual outrora, sob a permissividade e cumplicidade da sociedade, predominantemente racista.

Como dormir? Como não ser acometido de pesadelos que já se revelam como seculares e se desdobram através de diferentes gerações? Como mudar o mote do poemário se as perversidades e atrocidades continuam sendo perpetradas ao longo do tempo?

A próxima poeta apresentada, Maya Angelou, que teve os seus poemas recém-traduzidos para o português pela primeira poeta apresentada nesta análise, Lubi Prates, no poema escolhido e abaixo reproduzido pagará o merecido tributo e reconhecimento à importância das gerações que nos antecederam e que mesmo com táticas e estratégias distintas das criadas e utilizadas por nós conseguiram resistir e (re)existir (SOUZA, 2011) cotidianamente em um contexto sócio-histórico absurdamente violento, no qual era permitido, legalmente, o linchamento e diversos outros tipos de castigos físicos, inclusive o pelourinho e o uso do chicote até quase levar a vítima à morte. Eis o poema da escritora e multiartista negra estadunidense:

Canção para meus velhos

Meus pais se sentam em bancos
 suas carnes contam cada paulada
 as ripas deixam entalhos escuros
 bem fundo nos seus flancos murchos.

Eles acenam como velas quebradas
 encerados e queimados profundamente

¹³ Trata-se de um episódio ocorrido em fevereiro de 2014 quando um adolescente negro de 15 anos foi espancado e preso sem roupa, pelo pescoço, com uma tranca de bicicleta, a um poste da Avenida Rui Barbosa, no Flamengo. Cf. APÓS LINCHAMENTO DE suspeito, jovens confirmam em depoimento "patrulha para proteger Aterro". Disponível: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/apos-linchamento-de-suspeito-jovens-confirmam-em-depoimento-patrulha-para-protoger-aterro-04022014>. Acessado em 27/04/2020.

e dizem: “É a compreensão
que faz o mundo girar.”

Nos seus rostos enrugados
eu vejo o palanque do leilão
as correntes e as filas de escravos
o chicote, o açoite e o tronco.

Meus pais falam em vozes que
trituram minha verdade e
dizem “É a nossa submissão
que faz o mundo girar.”

Eles usaram a maior astúcia
inteligência e artimanha
a humildade do Tio Tomming
e os sorrisos da Tia Jemima.

Eles riam para esconder o choro
abreviaram os seus sonhos
e carregaram um país no lombo
para escrever o blues com gritos.

Eu entendo o significado
poderia vir e vem
de viver à beira da morte

Eles mantiveram minha raça viva. (ANGELOU, 2019, p. 120-121).

A poeta (ANGELOU, 2019) nos obriga a recordar que nunca existiu permissão para a desistência e que de diferentes formas elaboramos e executamos possibilidades para não sucumbirmos. Se hoje o enfrentamento é vislumbrado e muitas vezes posto em prática, existiu um tempo em que, para sobreviver, todos aqueles que nos antecederam tiveram que fingir ceder para que nossa história fosse possível.

A respeito do próximo poema, uma das coisas mais belas e importantes de serem comentadas é a conexão do eu lírico (ou saudoso?) com aquela que a antecedeu, visualizando, com muita nitidez, o tempo de outrora e da outra mulher negra, da qual ela descende e que a partir do exercício de extrema empatia consegue compreender que diferentes contextos exigem diferentes ações. E se hoje pode parecer que nossos antecessores não lutaram e cederam, é importante levar, obrigatoriamente, em consideração o que era possível e concebível de ser feito naquele momento e naquele determinado contexto. O poema abaixo reproduzido reconhece a importância dos nossos mais velhos e a eles presta reverência. Ei-lo:

DESALENTO

Meus olhos esperanças aurora,
mas o dia foi chumbo.
A chuva teimou em não deitar sobre a terra
e lavar tudo.
Há estilhaços cardíacos no meu apartamento
e manchas vermelhas nas paredes.

Por falta de chuva,
derramo lágrimas como um rio
para lavar a barbárie em que se ergue a nação.
Pudesse eu limpar tudo, faria
ainda que secasse inteira
vertendo-me líquida.

Inútil desejo.
Penar é só um passo na história da des-humanidade.

Não há chuva, nem auroras
nem violetas no horizonte.
Por não ter o que me salve, choro.
Quem sabe, ao menos lavo a dor da impotência
a dor dos meus passados e futuros
a dor dos meus ancestrais
a dor dos meus descendentes
que adere à minha pele preta.

Há abismos na minha garganta muda
cheia de líquido.

Não vomito uma palavra sequer.
Falta-me tudo,
até vísceras.
Sobra-me água, lágrima.
Vai ver é para diluir o sal
que salga a terra em que habito.
Vai ver é para lavar todo sal
que corta a minha carne.
Vai ver é para afogar a mim mesma
e levar comigo todo ardor do mundo. (ALMEIDA, 2020, n.p.).

E muito tempo precisou passar e muitas lutas serem travadas para que se chegasse à reivindicação pelos Direitos Civis, por exemplo, na década de 1960 quando se bradava: “*Black is beautiful*” e “*Black is power*”. E para que se efetivasse a luta armada, a partir dos *Black Panther*. O enfrentamento explícito desses movimentos não pode desvalorizar ações que antecedem e que parecem ser de cunho mais pacífico ou até mesmo não reação. Nenhuma tentativa de combate deve ser recriminada e/ou desconsiderada. A astúcia, inteligência, jogo de corpo, ginga, esquiva e volta ao mundo¹⁴ foram exercitados e executados ao longo dos séculos, principalmente no que diz respeito ao combate aos “episódios de racismo cotidianos” (KILOMBA, 2019). A cada tempo e da forma que foi possível reagimos e lutamos.

Lílian Almeida, baiana, professora na Universidade do Estado da Bahia e escritora, compartilha as tentativas que parecem frustradas de buscar alguma forma de alento, como o próprio título já aponta apresentando o prefixo “des”. Dizemos frustradas que a cada linha do poema é possível notar o não alcance do desejado. Parece que os objetivos explicitados não se apresentam como possíveis de serem concretizados, por isso em lugar de encontrar algum alento só o desalento é possível. Importante destacar, também, a presença dos elementos: água, sangue e sal. Como se o último pudesse estancar o segundo, que não para de jorrar através da história, tendo como fonte e foz, quase sempre, a nossa corporalidade negra.

O alento pode ser a possibilidade de lembrar para que não seja esquecido e para que não mais se repita. O sal, impregnado em nossa carne, pele e poros, apresenta-se como

¹⁴ Movimentos da capoeira trazidos à cena enunciativa para pensar os nossos esforços em lidar e driblar o racismo.

uma espécie de antídoto uma vez que, se ele mesmo corta e fere nossa pele preta, ele pode, também, auxiliar na cicatrização de feridas tão antigas e contínuas. O eu poético, profundamente exausto, quase desistindo, transtornado de dor e agonia, toma para si o expurgar de todo pesar acumulado ao longo do tempo pelo nosso povo.

Não é à toa a decisão por encerrar a análise com um poema extra, transcrito logo abaixo. Dentre outros pontos, é possível notar a forte presença de uma memória de ordem genética que parece fazer morada em nossos corpos. Ei-lo:

MAR DE SAL

Sois mulheres transatlânticas
separadas (re)unidas
sois meninas dos olhos das águas
dos brasis e baías
cartografados nos corpos ancestrais
do espelho-leque gênese de tudo:
O umbigo é o mesmo. (Juciane Reis).¹⁵

O poema de Juciane Reis é o elogio à esperança, ao reencontro, à cura. Vários dos elementos que destacamos ao longo desta análise reaparecem aqui: a água, o sal, a separação/travessia, a ancestralidade. Com ele encerramos esta análise, acreditando que a literatura é um meio de movermo-nos além da dor. (HOOKS, 2016).

Em síntese, a reunião que propomos aqui, como uma roda, apresentou sete poemas de mulheres negras diaspóricas, com o intuito de refletir como a primeira travessia ainda povoa nossas memórias literárias. Constatamos que esses registros poéticos persistem porque a dor é cotidiana, porque recordar é preciso (EVARISTO, 2017), recordar reaviva a resistência e aciona nossas

¹⁵ Poema inédito, gentilmente cedido pela autora para a escrita deste artigo. Juciane Reis participa de algumas coletâneas poéticas: REIS, Juh. Mãe-Ancestral (poema). In: *Há prosas em versos e versos em prosas*. Salvador: Kawo-Kabiyesile, 2009.

estratégias de contraviolência (FANON, 2005). Nosso recordar não é nostálgico, nosso recordar é luta, é construção de contramemória, é resistência. Nosso recordar é um relicário todo feito de sal para cicatrizar e curar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi da vontade e tentativa de escrever um texto alinhavado por um poemário feito por mulheres negras diaspóricas e sustentado pelos fios e tramas teóricas também de mulheres negras espalhadas e (re)unidas pela diáspora que esse texto agora desponta: da escrita poética de dentro e da leitura de um corpora tão específico a partir das nossas teóricas negras, pois, como afirma Jorge Augusto Silva (2018, p. 16), a “[...] crítica deve territorializar-se”, porque há “[...] um trabalho de produção epistemológica de categorias teóricas novas, necessárias para análise de objetos e textos marginais processados a partir de outras epistemes.” (SILVA, 2018, p. 11-12).

E foi a partir de tais contribuições que ousamos enveredar por esses caminhos, buscando formas mais férteis e saudáveis de acessar e ler nossa produção literária, primando pela coerência e pertinência na escolha das lentes e instrumentos para realizar tal empreendimento. A tentativa sempre foi a de que, aliadas aos corpora fruto de um poemário de autoria de mulher negra diaspórica, a leitura e compreensão dessa seleta pudesse ser feita a partir de um investimento literário teórico e crítico negro diaspórico.

Além disso, foi da possibilidade de efetivação dos enlaces acima mencionados e da reverência que prestamos a cada uma das poetas e teóricas citadas que desenhamos e percorremos as coordenadas aqui expostas e comentadas. O que pode ser notado e apreendido é que há uma literatura produzida por mulheres negras que pode e deve ser concebida como diaspórica, e que tem se dedicado, dentre outras coisas, a (re)contar a nossa trajetória com foco na travessia forçada, uma espécie de (re)contar para (re)elaborar-se e

(re)fazer-se e que acaba por (res)soar e denunciar violências acumuladas ao longo da história sobre nossos corpos e existências.

E se a dororidade (PIEIDADE, 2017) ainda dá o tom de tais produções, o arremate tem sido o desejo de “mover-se para além da dor” (hooks, 2016), ainda que tudo pareça começar e se findar com ela. Nascimento (2019, p. 154) é outro importante nome nesse aspecto quando insiste para que não esqueçamos os extremos que compõem esse nosso ofício de escrita literária, isto é, “[...] do dever de denunciar a dor até o direito ao devaneio”, processo que ela denomina “nosso cuérlombismo literário.”

Semelhante a hooks (2013), chegamos a este texto e ao estudo e pesquisa sobre a escrita de mulheres negras diaspóricas através desse sentimento, buscando saídas e possibilidades de ginga e esquiva dos episódios de racismo que sofremos cotidianamente (KILOMBA, 2019). E quando deparamo-nos com o contexto de pandemia provocado pelo Covid-19, quando os números apontam e revelam uma predominância de óbitos entre negros, infelizmente, só confirma o que a seleta aqui apresentada já sinalizava – somos, historicamente, os alvos preferenciais nessa nefasta e nomeada de maneira infeliz de “asepsia social”. É para nós que os ventiladores faltarão sempre, as vagas para internamento, os testes e tudo o mais que tem sido negado e interdito para nós negros. Travessias e atravessamentos que parecem ininterruptos.

Enquanto escrevemos este artigo, atentas à movimentação nas redes sociais, coletamos em menos de uma semana, pelo menos, uma dúzia de poemas de autoria negra sobre a pandemia. Percebemos, assim, que a necropoética vai ganhando novas nuances e facetas, mas o que não chega a mudar são os alvos, que são sempre os nossos corpos e existências.

Enfim, a tentativa com a escrita deste texto foi a de escutar atenta e sensivelmente poetas negro-diaspóricas numa roda que evoca, a partir da

espiral plantation, a troca de contramemórias coloniais, não esquecendo a intensa e ininterrupta conexão existente entre nós, mulheres negras diaspóricas. Nessa roda, que se configura como tecnologia ancestral, nos certificamos e nos fortalecemos com a certeza de que “o umbigo é o mesmo”, é um só e, assim, uma memória que é da ordem do ancestral se firma e se expande, garantindo o registro da nossa trajetória e história.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Neide. *Nós: 20 poemas e uma Oferenda*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

ALMEIDA, Lílian. *Desalento*. Disponível:

<https://liberoamerica.com/2019/02/10/desalento/?fbclid=IwAR2ghWHq-nZYkovUXBkb7FOROWk2J9eLMpO5CRsgqT6s0QzjlULonSGUO6A>. Acessado em 31/03/2020.

ANGELOU, Maya. Canção para meus velhos. In: *Carta a minha filha*. Tradução Celina Portocarrero. 2 ed. Rio de Janeiro : Agir, 2019. p. 120-121.

ANGELOU, Maya. *Maya Angelou: poesia completa*. Tradução Lubi Prates. São Paulo: Astral Cultural, 2020.

CARVALHO, Liandra Lima. *Mais do que ‘levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima’*: um estudo sobre a autonomia superativa e emancipatória de mulheres negras cariocas. 2008. 128 p. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

CARRASCOSA, Denise. Pós-colonialidade, pós-escravismo, bioficção e con(tra)temporaneidade. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*: revista do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, da Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, Brasília, n. 44, p. 105-124, 2014.

CARRASCOSA, Denise *Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias*. Salvador: Ogum’s Toques Negros, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed UFJF, 2005.

GALRÃO, Martha. XXXIII. In: *A chuva de Maria*. Simões Filho: Kalango, 2011. p. 62.

GARCÍA, Jesús Chucho. Afroepistemología e afroepistemológica. In: WALKER, Sheila. (Org.). *Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias*. Chile: Editorial UC, 2018. p. 85-106.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade*. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. Autorecuperação. In: hooks, bell. *Erguendo a voz: transformando o silêncio em revolução*. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. p. 72-84.

HOOKS, bell. Mover-se para além da dor. In: *Geledés*. 2016. Disponível: <https://www.geledes.org.br/mover-se-alem-da-dor-bell-hooks/>. Acessado em 02/04/2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEAL, Juliana Helena Gomes. Performatização da memória histórico-política em Tengo Miedo Torero, de Pedro Lemebel. *Revista Literatura em debate: Dossiê Nação, Memória, Narração*, publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2007.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia. (Orgs.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG: Poslit, 2002. p. 69-92 .

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MIANO, Léonora. *Contornos do dia que vem vindo*. Tradução Graziela Marcolin de Freitas. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859- 2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*. 2019a. 252 p. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Porque a roda é o avesso da torre: das potências reveladas pela leitura em conjunto de romancistas negras*. 2019b.

Disponível: <http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-antteriores/77-capa/2289-a-roda-como-forma-de-ler-romancistas-negras-brasileiras.html>. Acessado em 02/04/2020.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. "Ponciá Vicêncio": narrativa e contramemória colonial. *Anuário de Literatura: periódico da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis*, v. 24, n. 2, p. 15-29, nov. 2019c.

NASCIMENTO, Tatiana. Do dever de denunciar a dor até o direito ao devaneio, nosso cuirlombismo literário. In: SOARES, Mayana Rocha; BRANDÃO, Simone; FARIA, Thais. *Lesbianidades Plurais: outras produções de saberes e afetos*. Salvador: Devires, 2019. p. 154-173.

NATÁLIA, Livia. Frutos estranhos. In: *Sobejos do Mar*. Salvador: EPP, 2017. p. 65.

NUNES, Davi. *Banzo, o Corpo que Singra e Sangra e o erótico na Poesia de Livia Natália*. 2019. 81 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Matripotência: ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [iorubás]. Disponível: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD - matripot%C3%AAncia.pdf. Acessado em 25/04/2020.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PRATES, Lubi. Não foi um cruzeiro. In: *Um corpo negro*. São Paulo: Nós, 2018. p. 23.

RAVETTI, Graciela. Narrativas performáticas. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia. (Orgs.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG: Poslit, 2002. p. 47-68.

SILVA, Jorge Augusto de Jesus. Contemporaneidades Periféricas: primeiras anotações para alguns estudos de caso. In: SILVA, Jorge Augusto de Jesus. (Org.). *Contemporaneidades periféricas*. Salvador: Segundo Selo, 2018. p. 31-70.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. O carregamento colonial. In: *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. p. 17-24.

SOUZA, Ana Lúcia. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola, 2011.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TRINCHÃO, Fátima. Travessia. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. *Cadernos Negros*, volume 41: poemas afro-brasileiros. São Paulo: Quilombohoje, 2018. p. 109.

Recebido em 15/05/2020.

Aceito em 30/07/2020.